

A Liga e as lutas sociais no Brasil

Enilce Lima Cavalcante de Souza*

Considerações Iniciais

O intento deste texto é apresentar em linhas gerais uma das fontes que permitem o avanço do projeto apresentado a este programa de pós-graduação, o jornal *A Liga*. Sendo para tanto necessário elaborar sua caracterização e após, apontar alguns dos temas sobre os quais a pesquisa deve se deter mais apuradamente.

Lembrando que

a imprensa comunista se reveste de importância significativa para a configuração da classe camponesa. A partir de 1945 muitos conflitos, lutas por direitos sociais e políticos se estabelecem exigindo de camponeses e da sociedade uma reflexão sobre a conjuntura. Transformavam-se assim, militantes comunistas e camponeses em intelectuais na construção de notícias, doutrinas e experiências desta classe. (...) na construção desta cultura política de esquerda entre as décadas de 1940 e 1960, onde a imprensa e a literatura social foram centrais para a construção de identidades (...) e alarga a preocupação no que concerne ao investimento destes grupos nesta forma de expressão, como instrumento privilegiado de debate de experiências múltiplas ... (SOUZA, 2010:11).

Para o mundo camponês uma das folhas mais pesquisadas é *Terra Livre*. Jornal comunista sobre o qual me debrucei em largas linhas durante a dissertação de Mestrado. Percorrendo 10 anos de comunicação e divulgação da luta campesina, o jornal circula entre 1954 e 1964. Já próximo ao período de acirramento das forças reacionárias de direita e do desfecho político que inauguraria o período de ditadura civil-militar no Brasil (sabido em retrospecto), as páginas de *Terra Livre* passariam brevemente a dialogar com um semanário, também envolvido na empreitada de divulgação das lutas do campo: *A Liga*:

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social na Universidade Federal do Ceará; Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus Cajazeiras.

JORNAL LIGA: Publicado por Francisco Julião entre 1962 até 31 de março de 1964, sendo interrompida a publicação do órgão oficial das Ligas Camponesas do Brasil pelos militares que derrubaram o governo constitucional do presidente João Goulart. A coleção foi fornecida pelo CEDEM da Unesp foi digitalizada pelo fotógrafo Douglas Mansur e está em processo de tratamento de imagem para ser indexada, previsão para estar aberta à consulta digital: julho/agosto de 2009. *Coleção Incompleta*.²

Notícias de algumas reportagens localizadas na produção historiográfica sobre os movimentos camponeses no Brasil³ dão conta da presença do jornal *A Liga*. O período de circulação do jornal compreende a fase de desenvolvimento das Ligas por todo o país, e para além dos campos. O primeiro número do jornal é de 09 de outubro de 1962 sendo impedido de circular nos inícios da tomada de poder pela ditadura, em abril de 1964. Teve Francisco Julião à frente do número 1 ao último, como Diretor ou Editor-chefe.

Ao longo de sua existência cargos na administração do periódico foram sendo acrescidos ou transformados e os nomes que o compuseram de igual forma se revezaram. Temos exemplos de Editor-chefe: Antonio Averiano, de Secretário: P. Porfírio Sampaio; Gerente: F. Hugo A. de Paula; Diretor-Executivo: Padre Alípio de Freitas, Redator-chefe: Gomes de Mello.

Ao longo de seus um ano e seis meses de vida, a folha também estendeu seus braços para além de sua sede administrativa no Rio de Janeiro. Passou a ter sucursais em Recife, João Pessoa e por fim, em São Paulo. Sendo o alcance de sua distribuição para além destes espaços, chegando aos rincões do país, em venda nas bancas ou pela entrega dos filiados das Ligas e simpatizantes no campo e nas cidades.

O movimento Ligas Camponesas do Brasil (LCB) na década de 1960 incorpora não somente a luta contra o latifúndio, mas exerce esforços e aciona redes de solidariedades entre os diferentes grupos e trabalhadores. São gráficos, jornalistas, metalúrgicos, aeronautas, marítimos, ferroviários, estivadores, professores, telefonistas, bancários, servidores públicos, operários das mais diversas indústrias e cidades do país, lendo e discutindo o jornal.

São operários, camponeses, estudantes, mulheres, religiosos e militares aprofundando a proposta da LCB de “Avançar a União Operário-camponesa”. Este o título de

² <http://www.armazemmemoria.com.br/LerNoticia.aspx?id=11>. Capturado em 10 de outubro de 2011. É importante salientar, que uma coletânea de artigos do jornal *A Liga* foram selecionados por Francisco Julião e lançados no México. JULIÃO, Francisco (editor). *Ligas Camponesas outubro 1962 – abril de 1964*. México: CIDOC, 1969. (Cuadernos, nº 27).

³ Como exemplo, temos AUED, Bernardete Wrublewski. *A vitória dos vencidos: Partido Comunista Brasileiro - PCB - e Ligas Camponesas 1955-64*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1986; AZEVÊDO, Fernando Antônio. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Estudos sobre o Nordeste; v. 14) e BASTOS, Elide Rugai. *As Ligas Camponesas*. Petrópolis: Vozes, 1984.

abertura dos trabalhos do jornal. Editorial e manchete de capa do número 1 de Liga, assinado por Francisco Julião, que traduz a base teórica das Ligas ao afirmar que:

Agora, já não é, apenas, Liga Camponesa. A ponte se constrói, a aliança se estreita, entre a cidade e o campo. É a hora da Aliança Operário-Camponesa, reforçada pelo concurso dos estudantes, dos intelectuais revolucionários e outros setores radicais da população. É a hora da LIGA (JULIÃO, 1962: CAPA).

E após analisar rapidamente a conjuntura nacional indicando os problemas sociais, políticos e econômicos do país, vai apontando para as soluções, entre elas a realização da reforma agrária radical. Julião, parágrafo a parágrafo, em seu discurso de lançamento dispõe o ideal e a tarefa do instrumento de doutrina, “arregimentação, união e dinamização da luta libertadora” que tem agora em mãos os trabalhadores e as Ligas:

Ao iniciar sua tarefa, A LIGA proclama a confiança inabalável na união do Povo Trabalhador, único meio de resolver os imensos problemas da atualidade, agravados com a ambição e a falência das classes exploradoras. OU FICAR À PÁTRIA LIVRE OU MORRER PELO BRASIL! (IDEM)

Este enunciado “OU FICAR À PÁTRIA LIVRE OU MORRER PELO BRASIL!”, utilizado a todo instante, principalmente nos textos e editoriais assinados por Francisco Julião, será o subtítulo do jornal, sendo incluído como tal, a partir de uma data não pouco simbólica: 1º de maio de 1963. Esta ação reforça a identidade nacionalista, socialista e revolucionária reivindicada pelo periódico.

Francisco Julião, à época, militante e deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro, dirigente das Ligas Camponesas poderia interferir na caracterização do jornal como um aparelho do PSB. Porém, esta instituição é pouco ou quase nada refletida em suas páginas.

A leitura geral da coleção indica como linhas centrais: o internacionalismo, o nacionalismo, o socialismo e a formação doutrinária. Para isto, temas recorrentes alinhavam a proposta de revolução brasileira, fundamental para a construção de todas as pautas, notícias, artigos, manchetes e notas.

Estes temas perpassam a conjuntura política nacional e internacional, com ênfase no acompanhamento dos países do eixo socialista. Nacionalmente, as conjunturas política, eleitoral, econômica e cultural são amparadas por notícias e análises de questões tocantes a todo o país. As lutas sociais são bem representadas por meio de contribuições locais e de textos historiográficos, sociológicos e de análise política-econômica. Constrói-se assim, em conjunto com as cartas doutrinárias para a formação ideológica de leitores, filiados e

militantes, um corpo pedagógico rico e importante à investigação e elucidação dos propósitos da Cultura Política de comunistas, socialistas e militantes no Brasil dos anos 1960.

Imbuídos do mesmo valor os temas impressos nas páginas de arte, cultura e educação, dos países socialistas como do Brasil revelam simpatias e preocupações com o desenvolvimento intelectual dos leitores. Adiante, a demonstração da possibilidade que o jornal dispunha de interferir nas escolhas, gostos e análises artísticas e culturais dos leitores, por meio de suas matérias e colunas.

Em busca de prestigiar pela divulgação da conjuntura internacional, os países vitoriosos ou em luta, pelo socialismo, o jornal muito destacou de países como o Vietnã, por exemplo. Entretanto, é útil informar que não havia distinção, na maior das vezes, entre o teor e quantidade de notícias sobre China, Albânia, Tchecoslováquia, Alemanha oriental, Argélia, Romênia, Bulgária e URSS. O que merece aprofundamento de leitura e pesquisa.

Destaque especial foi dada à Latino América, compondo uma ampla cobertura daquele momento em *Nossa América*” como se referia à América Latina, o jornal. Notícias sobre a Venezuela, Paraguai, Chile, Argentina, México, Guatemala, Costa Rica, mas sobretudo, notícias de Cuba.

Cuba é um capítulo a parte na constituição do temário de *A Liga*, inclusive por, provavelmente, não ser mera coincidência o “lema irrenunciável de Fidel”: Pátria ou Morte, o lema escolhido como amálgama da luta das Ligas Camponesas e subtítulo do jornal. Não só há eminência qualitativa como quantitativa das notícias sobre a ilha latino-americana socialista. O que não é possível observar, quando o jornal se refere e cede igual espaço aos países socialistas da Ásia e do Leste Europeu, faz-se notório quanto à Cuba: o alinhamento político e ideológico aos ditos cubanos. Desde a organização de um congresso em defesa da autonomia cubana aos discursos de página inteira de Fidel Castro, Cuba tem presença garantida nos números de *A Liga*, são mais de 80 chamadas⁴.

A página 4 de 1º de janeiro de 1963, traz um pronunciamento de Ernesto Che Guevara, no qual afirma que nada deterá a Revolução Socialista Cubana, em resposta às ameaças norte-americanas contra a soberania de Cuba. Esta página antecede a outras duas, que tratarão especificamente das conquistas do povo cubano e da manutenção da revolução socialistas em Latino América como se verifica nas duas imagens seguintes;

⁴ A página que encerra o jornal o dia 13 de novembro de 1962 é toda dedicada a Cuba: com os títulos: Cuba quer paz, mas não teme agressões; Americanos (de Cuba) dispostos a morrer pela revolução e "Povo cubano luta pela paz confiante no dia de amanhã". Bem como o dia que abriu o ano de 1963, 1º de janeiro comemora, em duas páginas com muitas fotos, dedicadas ao aniversário da revolução cubana.

Não há admiração nas constantes matérias que tem em Cuba o foco central, já que *A Liga* é um jornal voltado ao público do país ligado às idéias revolucionárias, fossem estes operários, intelectuais, camponeses ou estudantes. O jornal não possui filiação política declarada, como poderíamos imaginar ao PSB, posto que em 1962, seu editor, Francisco Julião foi por esta sigla eleito deputado federal, mas a filiação à Cuba fica nítida.

Não se pode esquecer que a imprensa dos trabalhadores é parte de projeto mais amplo de sociedade, neste caso, “resulta do esforço de inteligibilidade do mundo e da busca de eficácia em disseminar conteúdos diretamente vinculados a seu propósito pedagógico, organizativo e doutrinário” (GONÇALVES, SECRETO, 2003:62), exigindo análise das propostas e projetos políticos.

Cabe ainda saber um pouco mais a respeito dos aspectos analisados em *A Liga*. Por exemplo, além de breves incursões relacionando as estratégias desenvolvidas pelo periódico (inclusão de artigos de formação político-ideológica, estatísticas, versos, fotos e ilustrações) com os acontecimentos nacionais, como a Campanha pelas Reformas de Base, como a Reforma Agrária Radical. Da mesma forma, expõe a atuação das Ligas Camponesas Brasileiras e dos mais atuantes sindicatos do país e sua relação com o jornal. Existem casos, como o dos sargentos, em que *A Liga* cede espaço de uma sessão por número para os debates da categoria, e isso ocorrerá com outros movimentos sociais e sindicais que terão neste periódico, não só a divulgação de suas lutas diretas, mas também, seu meio de comunicação com as bases, ou seja, seu instrumento de agitação e propaganda.

Nessa mesma linha, é importante ressaltar que a hegemonia dos comunistas, no movimento camponês é posta à prova e perde, quando é aprovada a tese de Francisco Julião da Reforma Agrária. A palavra de ordem “Reforma Agrária na lei ou na marra” é vitoriosa no Congresso de 1961. Pouco depois o jornal é montado. E quanto a isso, há uma posição que indica caminhos divergentes.

Em nenhum dos números do jornal *A Liga* é possível obter a informação que diz respeito à tiragem do jornal. De todo modo, pode-se inferir uma grande tiragem, ao menos em torno de 30 mil exemplares, como se pressupõe a tiragem de *Terra Livre*. Posto que se observa a inserção do periódico nas diversas regiões do Brasil, com circulação (registrada pelas poucas, mas significativas cartas recebidas e notícias com informes das mais longínquas fazendas e usinas) nos quatro cantos do país.

A tiragem e qualidade de edição se localizam nos problemas de sustentação financeira, salientando que por meses o jornal se apoiou unicamente em sua vendagem e no que decidiu nomear “Círculos de Amigos da Liga”.

O jornal circula a maior parte do tempo com seis páginas, quando em 21 de setembro de 1963, o número 49 apresenta sua edição com oito páginas e uma nova diagramação que é claramente percebida.

Quais semelhanças com congêneres, na imprensa dos trabalhadores, ou com os contemporâneos dos anos 1960, identificam *A Liga* como jornal de imprensa militante? Entre as dificuldades de circulação, “além da baixa escolaridade ou da persistência do analfabetismo dificultando a difusão da imprensa dos trabalhadores, a repressão e as parcas condições de sustentação dos periódicos são outros entraves à existência regular dessa imprensa” (GONÇALVES, 2003:59). Apesar disso, o periódico *A Liga*, em sua vigência, foi um semanário rigorosamente freqüente às mãos dos leitores, ainda que nas dificuldades correntes.

Todas as informações até aqui, são tomadas diretamente da fonte. Adicionais, as informações de um militante, o “advogado das Ligas” Clodomir Santos de Moraes, provocam novidades e divergências. Como a citação a seguir:

Além de receber orientação de uma dezena de jornais diários e outro tanto de semanários comunistas, as Ligas Camponesas se orientavam por seu próprio jornal, *Terra Livre*, fundado em São Paulo em maio de 1949, e que circulava semanal ou quinzenalmente, segundo seus recursos financeiros (MORAIS, STÉDILE, 2002: 12s).

De fato, o jornal *Terra Livre* noticiou a movimentação das Ligas, sendo a Questão Agrária seu foco essencial de jornalismo e atuação. Entretanto, em 1949 o título do periódico era “Nossa Terra”, com as mesmas características em diagramação. Entretanto, um único número está disponível no AESP – Arquivo do Estado de São Paulo, no fundo DEOPS. Não sendo possível afirmar em absoluto a mesma identidade. Corrobora, ainda, para alguma certeza desta identidade única o *Terra Livre* ter como número inicial o 54, ou seja, é possível sua existência desde 1949, certamente. Por outra, a orientação do *Terra Livre* é toda do PCB e da ULTAB, que estava, também, por sua vez sob orientação comunista.

Em outra parte de seu livro-depoimento, alguns parágrafos bastante contundentes onde discute a “falta de unidade”, atestam resultados da eleição, além da formação e origem do jornal *A Liga*, muito diversas das anotadas no periódico, como veremos a seguir:

A campanha eleitoral das Ligas foi um desastre. Julião não conseguiu mais que o último lugar entre os eleitos. Os outros candidatos das Ligas não

chegaram a alcançar nem a suplência. Além disso, havia perdido grande parte da direção de várias organizações de massa, inclusive a própria direção do jornal *A Liga*, recém-fundado no Rio de Janeiro.

Os veículos da campanha eleitoral de Julião foram distribuídos gratuitamente entre os eleitores, exceto dois, que passaram às mãos, bem a tempo, do Setor Armado. Indignado com o desastre da campanha eleitoral, o Setor Armado obrigou Julião a dissolver o Movimento Tiradentes e a expulsar os principais integrantes. Como consequência disso, os camponeses restantes do Campo de Treinamento (...) deslocaram-se para o Rio de Janeiro (outubro de 1962) e, à mão armada, reconquistaram o jornal *A Liga*, que estava sendo dirigido por um grupo de intelectuais (Dentre eles estavam o poeta Ferreira Gullar e o politicólogo Wanderley Guilherme).

Depois desse episódio, o jornal *A Liga* passou a ser dirigido pelo estudante e jornalista Pedro Porfírio Sampaio e pelo padre Alípio, ambos da OM, e por mais três representantes da Organização Política: Adauto Freire da Costa, Mariano José da Silva e Ozias da Costa Ferreira (IDEM:46s).

Estas são questões políticas que demandam maior aprofundamento da pesquisa para serem debatidas, entretanto, achei por bem indicar tais memórias a fim de ampliar as possibilidades de discussão sobre a fonte.

Retorno à caracterização do jornal, buscando atender aos pontos propostos por Tania Regina de Luca, em seu artigo “Fontes impressas – História dos, nos e por meio dos periódicos” em que chama a atenção além dos já apropriados aspectos de periodicidade, finanças, público alvo, corpo editorial e temário, para tópicos como a ilustração, a materialidade do jornal, os colaboradores mais presentes e a organização interna dos conteúdos (LUCA, 2010).

Neste caso, podemos apontar para *A Liga*, como um periódico ricamente ilustrado com mapas, fotos, charges e aqui e acolá uns grandes e outros pequenos desenhos e figuras que muito colaboram para a compreensão do texto que ilustram. O jornal é impresso em tinta preta com detalhes de letras vermelhas para o título de capa e de verso, ou para linhas e preenchimentos de caixas, alguns outros escolhidos durante as edições. Sendo todas as fotos e desenhos em preto e branco. Das fotos, há poucas é dado o crédito do fotógrafo. Nas demais ilustrações, é possível identificar em algumas, a assinatura do artista.

Visualmente, o mais forte elemento é uma história em quadrinhos, que se propõe a formar os camponeses. Sob o título de “O regime como ele é - romance do dia a dia camponês” uma longa história preenche com fortes tons o imaginário dos leitores.

Muitos colunistas assinavam as colaborações para o jornal. Os principais eram: Francisco Julião, Pedro Motta de Barros, Heliodoro Albuquerque, Eulália Vieira, Manoel de Jesus, Padre Alípio de Freitas, Padre Aluisio Guerra, Wania Filizola, Pedro Porfírio Sampaio, Carmen da Silva, Inácio Cava, Floriano da Silva.

Estes colaboradores, entre outros, construíram a estrutura do jornal que continha ante a temática previamente exposta, colunas e sessões que variaram bastante ao longo do tempo. Não existindo uma rigidez na localização dos temas, das colunas ou dos articulistas.

As várias colunas assinadas receberam algumas das seguintes denominações, tendo vida limitada e variando de denominação no periódico, estas foram das mais longevas: Carta ao operário, Consciência Revolucionária, De fato a fato, Do ponto de vista camponês, Do ponto de vista operário, Do ponto de vista internacional, Imprensa anti-popular, Imprensa popular, Roteiro Sindical, Semana Política, Sentinela Militar, Liga do estudante, Por trás da cortina do dólar, Liga do Leitor, Voz da África, Pelos caminhos do mundo socialista, Preto no branco.

É de interesse salientar, que algumas destas colunas zelavam pela memória e pela História, por exemplo como quando se comemora um ano de circulação do jornal *A Liga*. Na capa do nº 51, de 23 de outubro de 1963 é anexada a capa do nº 1 da Liga, como documento afirmativo de sua existência. Também, no canto direito inferior, é possível observar uma das fotos mais tradicionais de Lênin no palanque da Rússia revolucionária. Da mesma forma, várias notícias e capas são elaboradas com cópias de documentos, em busca de originalidade e veracidade das provas e fontes.

A página de nº 6 é a que dá continuidade à comemoração de um ano, perfaz o caminho que citamos. Faz um rápido apanhado deste ano e como memória, ilustra as capas de outras edições e as manchetes e chamadas para abordar a realidade nacional e internacional da luta revolucionária, como fazem questão de se referir os editores. Ainda, uma bela ilustração do povo em luta, de Brandão.

Dia 24 de abril de 1963, há uma propaganda de lançamento da coleção "Universidade do povo" da Editora Fulgor, imagem da página acima. Isso demonstra, entre outros ângulos, a ligação do jornal com a cultura que circula nos meios intelectuais e populares do país. E, portanto, a construção coletiva de uma Cultura Política, bem como de aspectos da História Intelectual e da Memória de camponeses e revolucionários socialistas e comunistas capazes de serem estudadas por meio deste periódico.

No caso, também podemos nos aprofundar na História Social do Livro, na história das edições populares e das práticas de leitura entre os trabalhadores, já que a coluna de Wânia Filizola, "Livros e Problemas" analisava semanalmente e indicava, oportunamente, a leitura de um livro com relação social direta ao mundo dos trabalhadores e de suas conjecturas. Cumprindo assim o exame de livros, opúsculos, traduções, revistas de circulação

no país e fora dele, amplamente recomendadas como leitura no escopo de *A Liga*, o jornal contribuiu para a formação do leitor.

Buscando finalizar esta breve incursão sobre o jornal *A Liga*, é importante evidenciar que ao longo de suas edições alguma unidade foi concentrada nos aspectos de construção cultural e de formação política, doutrinária. Isso se deu principalmente, nas páginas de nº 5, intituladas “Universidade do povo” que continham em geral as colunas: Livros e Problemas, Arte para o povo, Almanaque Camponês, Pequeno Dicionário Prático da Revolução Brasileira, Maravilhas da Poesia Popular, Contos que o Povo Conta. Com o tempo, a página perde o nome, porém mantém a identidade à qual se acrescem as colunas Literatura Revolucionária e Consciência Revolucionária. Textos de Lênin, Ernesto Che Guevara e Fidel Castro foram recorrentemente usados para a formação ideológica revolucionária nestas colunas citadas. Além de Liu Chao Tsi e Mao Tse-Tung.

Exemplos estão às dezenas. Nesta curta tabela abaixo, alguns dos livros criticados e indicados para leitura por Wânia Filizola. Leve-se em consideração, que colunas como ‘Literatura Revolucionária’, “Arte para o povo” e “Consciência revolucionária” também indicaram e discutiram livros e leituras, além de filmes, peças de teatro e poesias.

Tabela: Livros indicados na coluna Livros e Problemas de Wânia Filizola

Data	Pág	Título	Autor	Editora
1/1/1963	4	Rebelião dos povos coloniais	Amilcar Alencastre	Livraria Prado Edit.
20/2/1963	5	A ignorância ao alcance de todos	Nestor de Holanda	Editores Letras e Artes
6/3/1963	5	Breve história da China moderna	Israel Epstein	-
13/3/1963	5	Ensino Secundário e Sociedade Brasileira	Maria Tetis Nunes	-
20/1963	5	Violão de Rua, nº 3 – Cadernos do Povo Brasileiro	Moacir Félix	Editores Civilização Brasileira
10/4/1963	5	Princípio para ação – coleção Construir a Cidade dos Homens	L. J. Le Bret	Livraria Duas Cidades
1/5/1963	4	Breve história do fascismo	Mário Florani	Editores Civilização
8/5/1963	5	Guerra de Guerrilhas – coleção Universidade do Povo	Gondim Fonseca	Fulgor Editora
5/6/1963	5	Vamos nacionalizar a indústria farmacêutica	Maria Augusta Tibiriçá Miranda	Editores Civilização

24/7/1963	5	Introdução à revolução brasileira	Nelson Werneck Sodré	Editora Civilização Brasileira
7/8/1963	5	A Igreja está com o povo? – coleção Cadernos do Povo, nº 15	Padre Aloisio Guerra	Editora Civilização Brasileira
14/8/1963	5	Delmiro Gouveia: pioneiro e nacionalista	Magalhães Martins	Editora Civilização Brasileira
21/8/1963	5	De que morre o nosso povo? – coleção Cadernos do Povo, nº 16	Aguinaldo N. Marques	Editora Civilização Brasileira
4/9/1963	5	Poemas do cárcere	Marcos Ana	Editora Brasiliense
11/9/1963	5	Salário é causa de inflação? – coleção Cadernos do Povo, nº 19	João Pinheiro Neto	Editora Civilização Brasileira
21/9/1963	6	Os mortos de sobrecasaca	Álvaro Lins	Editora Civilização Brasileira
29/9/1963	7	O pão, o feijão e as forças ocultas	Jocelin Brasil	Editora Vitória
20/10/1963	6	Desaforismos	Mário da Silva Brito	-
6/11/1963	6	Reportagem – CPC da UNE	Vários autores	Editora Problemas Contemporâneos
13/11/1963	6	Musa canavieira – poesias	Benício de Almeida	Editora Leitura

Fonte: *A Liga*, Rio de Janeiro, 1963.

Em breves linhas então, o periódico *A Liga* se apresenta a nós em algumas minúcias e muitas características que convidam os historiadores sociais à pesquisa, à reflexão sobre o discurso, a memória, às disputas das lutas sociais das décadas elencadas e, principalmente, ao debate da construção do mundo do trabalho, pelas mãos, letras e imagens dos camponeses e trabalhadores no Brasil.

Bibliografia

GONÇALVES, Adelaide. Leitores operários cubanos nos tempos de Martí. In: _____, SECRETO, Maria Verônica (comps.). *José Martí. O mundo dilata-se (1853-1895)*. Fortaleza: Expressão Gráfica; Edições A CASA, 2003, p. 62.

_____. Trabalhador lê? *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 34, n. 1, pp. 59-72, 2003, p. 59.

<http://www.armazemmemoria.com.br/LerNoticia.aspx?id=11>. Capturado em 10 de outubro de 2011.

JULIÃO, Francisco. Avança a União Operário-camponesa. *A Liga*, Rio de Janeiro, 09 out. 1962, capa.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas – História dos, nos e por meio dos periódicos *In* PINSKY, Carla Bessanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. pp. 111-153.

MORAIS, Clodomir dos Santos. *História das Ligas Camponesas do Brasil*. Brasília: IATTERMUND, 1997. Trad. Joaquim Lisboa Neto. In: STÉDILE, João Pedro (org.). *História e Natureza das Ligas Camponesas*. São Paulo: Expressão Popular, 2002, p. 12s.

SOUZA, Enilce L.C. Palavra impressa e Ação militante de Camponeses e Intelectuais Comunistas na Cultura Política do Brasil de 1945 a 1964. Projeto de doutorado. Fortaleza: UFC, 2010, p.11.